

Fotos: Divulgação/MAB



Para comemorar os 40 anos da instituição, uma mostra que reúne obras do acervo e de uma coleção privada propõe passeio pela modernidade

**Nahima Maciel**

O Museu de Arte de Brasília (MAB) completa 40 anos com uma exposição dedicada a valorizar o acervo em um diálogo que recupera a própria história da instituição. Com curadoria de Claudio Pereira, Museu Imaginário, em cartaz no MAB, reúne 250 obras selecionadas na coleção da casa e emprestadas de uma coleção privada da capital. “A exposição faz um diálogo entre o público e o privado, com acervo público e privado. Então tem algumas obras que complementam o acervo de obras que o MAB tem sobre Brasília”, conta o curador, ao lembrar que o MAB foi criado em 1984 para abrigar a primeira coleção pública de arte da cidade.

Com obras dos mais variados períodos e linguagens, a exposição traz uma seleção na qual o curador quis evidenciar a ideia de modernidade. “A exposição estabelece um diálogo com o movimento moderno. A ideia de ser moderno é a ideia de que todos os artistas, ao longo da

# Festa para o MAB

DIVULGAÇÃO/MAB



Museu Imaginário



## SERVIÇO

### Museu Imaginário

Curadoria: Claudio Pereira. Visitação até 25 de novembro, de quarta a segunda, das 10h às 19h, no Museu de Arte de Brasília (MAB — SHTN Trecho 1, projeto Orla Polo 03, Lote 05)

Ciccillo Matarazzo Sobrinho idealizaram um espaço consagrado à capital na maior mostra de arte do país.

história da humanidade, foram modernos em seu tempo. É uma ideia que a gente quer passar, que essa relação é atemporal”, explica Pereira.

Além de obras emblemáticas do acervo do MAB, a exposição conta ainda com peças da Coleção Brasília — Acervo Izolete e Domício Pereira. Entre as obras selecionadas, estão aquelas escolhidas para representar a cidade na 13ª Bienal de São Paulo, em 1975, quando o embaixador Wladimir Murtinho e

A exposição traz ainda uma série de pequenas gravuras de Tarsila do Amaral que pertencem ao acervo do museu, esculturas de Bruno Giorgi e Alfredo Ceschiatti, além de obras mais contemporâneas, de nomes como Beatriz Milhazes e Cildo Meireles. “Uma referência interessante do diálogo entre o público e o privado é que, na coleção privada, tem o ensaio do Pacotão do Galeno ao lado do Pacotão, que pertence

ao museu”, conta Pereira, que também fez questão de estabelecer um diálogo das obras com a arquitetura. “O MAB é um museu que nasceu com pedigree. E para valorizar a arquitetura, abrimos os espaços. A expografia dialoga com a arquitetura de forma a valorizar perspectivas, circulação, e estabelece a ideia de que um dos objetivos da exposição é dar visibilidade ao museu. O MAB é o protagonista”, garante o curador.